

VORVICE

Informativo sobre Magnetismo

ANO I, n.º 09

Aracaju/Sergipe/Brasil, fevereiro/2009

jvortice@gmail.com

Desobsessão sem magnetismo,



será possível?



Texto de Ana Vargas
abordando a influência do
magnetismo nos tratamentos
desobsessivos.

Pág. 06



Biografia de James Esdaile
Pág. 03



Mais uma tradução do *Journal
du Magnetisme*
Pág. 08



Reflexões sobre a prática
do passe nas Casas
Espíritas



Saiba mais sobre Magnetismo
com Jacob Melo
Pág. 10

EDITORIAL

Diante da generosidade da obra da Criação, a qual disponibiliza infinitos recursos para a nossa saúde, para o nosso bem viver aqui na Terra e para termos o necessário à nossa evolução, é realmente surpreendente a incapacidade que temos de enxergar isto, de não aproveitarmos tamanhas facilidades e, acima de tudo, de não rendermos gratidão ao Senhor da Vida por todas essas oportunidades.

A imponente Doutrina Espírita nos abre os olhos mostrando que a caridade é uma forma de devolvermos à Vida aquilo que ela nos dá, já que viver é uma constante troca. Esta é a melhor forma de sermos gratos.

Quando utilizamos a terapêutica magnética para auxiliar alguém, estamos fazendo uso de uma das mais autênticas formas de caridade, pois estamos dispendo de nós mesmos. As energias vitais que servem para a nossa manutenção física e perispiritual, que nos proporciona as condições de estarmos encarnados e que viabiliza a recuperação dos nossos órgãos físicos quando debilitados, podem igualmente beneficiar nossos semelhantes quando as transferimos aos que estão com suas energias em más condições ou que estão carecendo das mesmas.

Parece simples, e é. Mas não é tão fácil. Necessita que o magnetizador atenda a alguns requisitos como: conhecimento a respeito do mundo espiritual, dos fluidos, do perispírito e dos seus centros de força; conhecimento a respeito de técnicas magnéticas e da sua aplicabilidade e consequências; equilíbrio moral; vontade sincera de ajudar; disposição para aprender sempre.

Aí está o problema. Nem todos que querem aplicar passes estão dispostos a estudar continuamente a teoria e a prática do magnetismo. Acreditam que fazer um pequeno curso num final de semana seja suficiente. Sem nenhuma crítica à qualidade do conteúdo destes cursos, convenhamos que o tempo é insuficiente para bem preparar alguém que vai cuidar da saúde física e espiritual dos outros.

Nos desobrigamos semanalmente de uma tarefa que nos satisfaz, embora sem muita responsabilidade para o que acontece ou pode acontecer com o paciente, e nos acreditamos caridosos. Deus nos dotou de imensos recursos para ajudarmos os semelhantes, mas, mesmo para fazer a caridade é preciso atentar de que maneira, para não cairmos numa rotina de trabalhos com baixos índices de resultados positivos e mesmo assim acharmos que estamos fazendo muito.

AMARÁS SERVINDO

Ainda quando escutes alusões em torno da suposta decadência dos valores humanos, exaltando as forças das trevas, farás da própria alma lâmpada acesa para o caminho.

Mesmo quando a ambição e o orgulho te golpeiem de suspeitas e de rancores o espírito desprevenido, amarás servindo sempre. Quando alguém te aponte os males do mundo, lembrar-te-ás dos que te suportaram as fraquezas da infância, dos que te auxiliaram a pronunciar a primeira oração, dos que te encorajaram os ideais de bondade no nascedouro, e daqueles outros que partiram da Terra, abençoando-te o nome, depois de repetidos exemplos da sacrifício para que pudesses livremente viver. Recordarás os benfeitores anônimos que te deram entendimento e esperança, prosseguindo fiel ao apostolado do amor e serviço que te legaram...

Para isso, não te deterás na superfície das palavras.

Colocar-te-ás na posição dos que sofrem, a fim de que faças por eles tudo aquilo que desejarias se te fizesse nas mesmas circunstâncias. Ante as vítimas da penúria, imagina o que seria de ti nos refúgios de ninguém, sob a ventania da noite, carregando o corpo exausto e dolorido a que o pão mendigado não forneceu suficiente alimentação; renteando com os doentes desamparados, reflete quanto te doeria o abandono sob o guante da enfermidade, sem a presença sequer de um amigo para minorar-te o peso da angústia; à frente das crianças despejadas na rua, pensa nos filhos amados que aconchegas ao peito, e mentaliza o reconhecimento que experimentarías por alguém que os socorresse se estivessem desvalidos na via pública; e, perante os irmãos caídos em criminalidade, avalia o suplício oculto que te rasgarias entranhas da consciência, se ocupasses o lugar deles, e medita no agradecimento que passarias a consagrar aos que te perdoassem os erros, escorando-te o passo, das sombras para a luz.

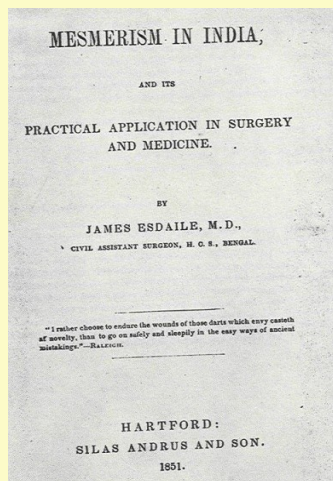
Ainda mesmo quando te vejas absolutamente a sós, no trabalho de bem, sob a zombaria dos que se tresmalham temporariamente no nevoeiro da negação e do egoísmo, não esmorecerás. Credo na misericórdia da Providência Divina e nas infinitas possibilidades de renovação do homem, seguirás Jesus, o Mestre e Senhor, que, entre a humildade e a abnegação, nos ensinou a todos que o amor e o serviço ao próximo são as únicas forças capazes de sublimar a inteligência para que o Reino de Deus se estabeleça em definitivo nos domínios do coração.

Emmanuel

BIOGRAFIA

James Esdaile

Extraído do artigo História da Hipnose
por William J. Bryan, Jr. M.D.



O Dr. James Esdaile provavelmente realizou mais operações cirúrgicas sob hipnoanestesia do que qualquer outro médico, pelo menos até a presente época. Ele era um homem de extrema perspicácia e inteligência que trabalhou a maior parte de sua vida na Índia, e provavelmente é mais conhecido por seu trabalho com a hipnose do que qualquer outro homem, com a possível exceção do próprio Mesmer. Ele nasceu no dia 6 de fevereiro de 1808, filho de um ministro, e como Elliotson e Braid, estudou em Edinburgo, onde graduou-se em 1830, obtendo um cargo na East India Company. Esdaile realizou sua primeira operação sob hipnose no dia 4 de abril de 1845, em um hindu condenado à prisão que tinha dupla hidrocele, no hospital de Hooghly. Após realizar 75 operações sob hipnoanestesia, ele escreveu à junta médica, porém sua carta não foi sequer reconhecida. Mais tarde, no final daquele mesmo ano, tendo mais de cem operações em seu crédito, ele contatou Sir Herbert Maddock, o então vice-governador de Bengala, que nomeou um comitê de investigação composto primariamente de médicos. Ao receber o relatório favorável deste comitê, o Governador então colocou Esdaile como responsável de um pequeno hospital experimental próximo a Calcutá, para que ele pudesse dar continuidade em sua pesquisa sobre a hipnose, sejam quais fossem os valores que esta pudesse ter. Esdaile iniciou sua pesquisa em novembro de 1846, com os seguintes médicos nomeados para auxiliá-lo: R. Thompson, D. Stuart, J. Jackson, F. Mouatt, R. O'Shaughnessy. E, ao final do primeiro ano do trabalho experimental de Esdaile, ele já tinha mais 133 operações em seu crédito, bem como um grande número de casos médicos. Os relatos daqueles que visitaram a instituição continuaram a ser favoráveis, e, portanto, com o continuado apoio do vice-governador, Esdaile foi então indicado para trabalhar no Lane Hospital and Dispensary de Sarkea, para dar continuidade ao seu

trabalho e expandi-lo para outros campos da medicina. A fama de Esdaile espalhou-se para todos os cantos, e certa vez ele afirmou com sinceridade que havia feito mais operações em tumores escrotais em um mês do que todas as que aconteceram em todos os hospitais de Calcutá em um ano inteiro. Alguns médicos locais que achavam seus pacientes serem histéricos, criticaram-no nas revistas médicas.

O comentário de Esdaile quanto a isto foi que o seu próprio relato dos casos ainda era digno de nota, nem que se fosse como um exemplo de uma epidemia da insanidade. Seu senso de humor o acompanhou até quando deixou a Índia, em 1851. Ao deixar aquele país, ele tinha milhares de operações sem dor em seu crédito, e cerca de 300 grandes operações, todas executadas com a hipnose. Enquanto estava na Índia, o clorofórmio foi introduzido como um anestésico e depois de ter deixado a Índia, um prêmio de dez mil dólares foi oferecido em 1853 ao descobridor das propriedades anestésicas do éter, que foi descrito como o primeiro dos anestésicos. Esdaile enviou uma carta revoltada de protesto contra isso, chamando a atenção ao fato de que ele havia realizado cirurgias sem dor com o Mesmerismo anos antes que qualquer pessoa tivesse ouvido falar do éter. (A propósito, o clorofórmio surgiu antes do éter.) Desgostoso com a Índia, e "não dando a mínima" a respeito de uma grandiosa prática em Calcutá, Esdaile retornou a Perth, o lar de seu pai, onde estabeleceu-se e permaneceu até desenvolver uma doença nos pulmões (tuberculose?), mudando-se então da Escócia para a cidade de Sydenham, na Inglaterra, onde morreu com a idade de 50 anos, no dia 10 de janeiro de 1859. Suas obras foram numerosas, mas talvez a mais famosa seja um livro originalmente intitulado *Mesmerism in India*, e posteriormente publicado sob o título *Hypnosis in Medicine and Surgery*. Neste livro, ele não apenas relatou 73 operações sem dor, mas também descreveu 18 casos médicos de paralisia, lumbago, ciática, convulsões e tic doloroso, além de informar o público sobre a hipnose. Ele atacava a estupidez de certos médicos que eram cegos para quaisquer novas idéias, citando a frase em latim "*Stare super vias Antiquas*", para descrever tais médicos. Ele chegou ao ponto de dizer que, como um amante da verdade por si só, ele ficava pouco satisfeito quando seus amigos lhe diziam: "Eu acredito porque você está dizendo". Ele achava que esta era uma crença estéril e constantemente procurava médicos para demonstrar-lhes sua recém descoberta ferramenta médica. O médico Jacob Conn, da Universidade de Medicina Hopkins, afirmou que ninguém trabalhou mais diligentemente do que James Esdaile para trazer o valor da analgesia e da anestesia hipnótica à atenção dos profissionais da medicina. A obra de Esdaile evidentemente se pagou, pois a Associação Médica Britânica relatou favoravelmente em 1891 que "Como um agente terapêutico, o hipnotismo é com frequência eficaz no alívio da dor, proporcionando sono e suavizando muitas indisposições funcionais".

Reflexões sobre a prática do passe nas Casas Espíritas

Adilson Mota

Há algum tempo vimos refletindo a respeito da estrutura de funcionamento dos trabalhos de passe que comumente existem nas instituições espíritas; os passes que são aplicados após as palestras de orientação doutrinária.

Sem desmerecer o esforço e a boa vontade por parte de dirigentes e passistas que militam nesta área das tarefas espíritas, pretendemos aqui analisar a forma como estes trabalhos têm funcionado, em confronto com a terapêutica empregada pelos magnetizadores, a qual era tão comum na época de Kardec.

Há algumas décadas temos sido habituados a esperar que os Espíritos tudo façam por nós (pelo menos na área dos passes), nos induzindo a uma acomodação, fazendo estagnar aquilo que poderia ser muito melhor aproveitado para o benefício do próximo: nossos recursos energéticos. Os Espíritos podem nos ajudar e muito, quando realizamos o esforço para alcançar a ajuda. Quando esperamos que eles tudo resolvam por nós, sem o esforço da nossa parte, ficamos sem o auxílio deles. Portanto, se queremos que os Espíritos nos assistam, precisamos "suar a camisa".

Obras valiosas como *Magnetismo Espiritual* de Michaellus e *Magnetismo Curativo* de Alphonse Bué, antes editadas pela Federação Espírita Brasileira, infelizmente, hoje não mais o são, fazendo-nos perder um manancial de conhecimentos teóricos e práticos a respeito desta ciência tão vasta que é o Magnetismo. Fora as exceções, muitas obras hoje existem a respeito do passe nas instituições espíritas, mas cujo valor se resume à teoria, caindo por terra o seu valor prático, no que concerne àquilo que seja necessário para que alcancemos os melhores resultados.

Se fizermos um estudo comparativo entre os resultados de cura obtidos pelos magnetizadores clássicos e os passistas de agora, vamos verificar, sem sombra de dúvida, de que lado se encontra a verdadeira terapia de cura.

Onde está o equívoco? Nos passistas? Nas instituições espíritas? Acreditamos que o problema está na estrutura que foi dada àqueles trabalhos. Deixando de lado a passionalidade, vamos analisar friamente os seguintes itens:

a) Longas filas de pessoas para receber o passe: todo mundo tem consciência de que muita gente que frequenta as filas de passes não precisariam verdadeiramente estar ali. E por que estão? Falta orientação, dirão alguns. Também achávamos isto até fazermos diversas palestras a respeito deste assunto e, para nossa frustração, lá estava a fila tão longa quanto antes.

Lógico que se deve continuar orientando de forma sistemática, até por que sempre vamos ter pessoas "novas" nas instituições espíritas.

Ocorre um verdadeiro paradoxo: busca-se o passe mesmo sem precisar dele, enquanto que ao mesmo tempo não acreditamos no alcance que ele pode ter. Não acreditamos por que não conhecemos. Esperamos milagres, mas não confiamos que o Magnetismo pode curar uma doença séria.

Disse Kardec: *um corpo em harmonia não assimila o Magnetismo*. E pode até prejudicar. É o mesmo que acontece quando tomamos remédio estando sadios.

Procura-se avidamente o passe para a resolução de pequenos desconfortos que poderiam facilmente ser sanados através de uma prece, de uma reflexão ou de uma mudança de atitude. Mas preferem entregar-se ao passe como a medida milagrosa e salvadora, que tudo deve fazer por nós, enquanto continuamos brigando em casa e chegando ao Centro Espírita com dor de cabeça para ser resolvida pelos passistas. Ao mesmo tempo, acreditam que somente estas pequenas mazelas podem ser curadas pelos passes.

b) Necessidade de muitos passistas: para suprir a demanda de pacientes, fazem-se, geralmente, cursos rápidos de passe, a fim de "preparar" passistas em número suficiente para atender a todos. A pressa nesta preparação deixa uma lacuna enorme e perigosa, pois não há meios para que alguém se torne eficiente em tratar as mais variadas moléstias físicas, emocionais ou espirituais, após algumas horas de estudo.

Muitos magnetizadores, no passado, eram médicos e largaram a medicina fundando clínicas e hospitais para tratarem os doentes através do magnetismo. Imaginemos alguém fazer isso depois de um estudo de final de semana!

c) Necessidade de local amplo: quase nunca as casas espíritas dispõem de muito espaço onde cada passista possa trabalhar de forma conveniente utilizando os vários recursos magnéticos. Daí, o que vamos ter é uma sala apertada, com muitos passistas, sem oferecer condições para que se trabalhe de forma eficiente. Espaço para uma maca, nem pensar.

d) Escassez de tempo: para completar o quadro, não há tempo para se atender demoradamente a tanta gente, da forma como o magnetismo requer. Na estrutura atual, os passes precisam ser rápidos, de dois a três minutos, comprometendo totalmente os resultados. Sem contar com a pressa de quem recebe o passe e que quer ser logo atendido, sem demora, apesar dele muitas vezes estar acostumado a

frequentar os consultórios médicos sendo forçado a aguardar horas por um atendimento. Mas aprendemos que o passe pode fazer "milagres" e que podemos ser curados dos nossos males em rápidos minutos, depois das mãos do passista terem se movimentado algumas poucas vezes. Resultado final: pouca eficiência, poucos alcances positivos.

Enquanto os magnetizadores clássicos conseguiam curar moléstias tidas muitas vezes como incuráveis, pelos médicos, mesmo desconhecendo o perispírito, os centros de força e a interferência dos espíritos, o que conseguimos nós com os passes?

E ainda há aqueles que acham que todos que costumam assistir a palestras doutrinárias DEVEM receber passes todas as vezes que forem ao centro espírita, mesmo sem necessidade.

Allan Kardec, que deve visitar as instituições espíritas vez ou outra para aferição da tarefa por ele iniciada, deve se perguntar o que estamos fazendo com a Doutrina Espírita que tanto trabalho lhe deu para colocar em bases científicas. □

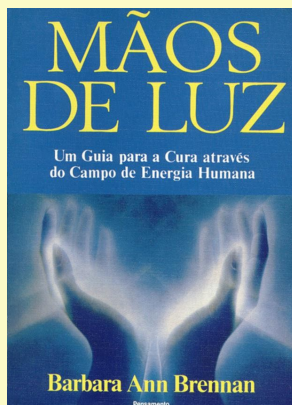


DICA DE LEITURA

Esta magnífica obra vale a pena ser lida. Nela a autora Bárbara Ann Brennan fala de aspectos teóricos e práticos relacionados aos trabalhos de cura, enriquecidos pela sua experiência e sua potente mediunidade.

Sem deixarmos de lado os "olhos de ver", é um manancial de conhecimentos magnéticos e espirituais, apesar de não ser uma obra espírita.

Vamos à leitura!



Envie seu material para publicação como artigos, mensagens, estudos de casos, trabalhos magnéticos, eventos sobre magnetismo, cursos, etc.

jvortice@gmail.com

PALAVRAS DO CODIFICADOR

A rapidez com a qual se propagaram, em todas as partes do mundo, os fenômenos estranhos das manifestações espíritas, é uma prova do interesse que causam. Simples objeto de curiosidade, a princípio, não tardaram em despertar a atenção dos homens sérios que entreviram, desde o início, a influência inevitável que devem ter sobre o estado moral da sociedade. As idéias novas que deles surgem, se popularizam cada dia mais, e nada poderia deter-lhes o progresso, pela razão muito simples de que esses fenômenos estão ao alcance de todo mundo, ou quase todo, e que nenhuma força humana pode impedi-los de se produzirem. Se os abafam em algum ponto, eles reaparecem em cem outros. Aqueles, pois, que poderiam, nele, ver um inconveniente qualquer, serão constrangidos, pela força das coisas, a sofrer-lhes as conseqüências, como ocorreu com as indústrias novas que, na sua origem, feriram interesses privados, e com as quais todo o mundo acabou por se ajeitar, porque não se poderia fazer de outro modo. O que não se fez e disse contra o magnetismo! E, todavia, todos os raios que se lançaram contra ele, todas as armas com as quais o atingiram, mesmo o ridículo, se enfraqueceram diante da realidade, e não serviram senão para colocá-lo mais e mais em evidência. É que o magnetismo é uma força natural, e que, diante das forças da Natureza, o homem é um pigmeu semelhante a esses cãezinhos que ladram, inutilmente, contra o que os assusta. Há manifestações espíritas como a do sonambulismo; se elas não se produzem à luz do dia, publicamente, ninguém pode se opor a que tenham lugar na intimidade, uma vez que, cada família, pode achar um médium entre seus membros, desde a criança até o velho, como pode achar um sonâmbulo. Quem, pois, poderia impedir, a qualquer pessoa, de ser médium ou sonâmbula? Aqueles que combatem a coisa, sem dúvida, não refletiram nela. Ainda uma vez, quando uma força é da Natureza, pode-se detê-la um instante: aniquilá-la, jamais! Não se faz mais do que desviar-lhe o curso. Ora, a força que se revela no fenômeno das manifestações, qualquer que seja a sua causa, está na Natureza, como a do magnetismo; não será aniquilada, pois, como não se pode aniquilar a força elétrica. O que é preciso fazer, é observá-la, estudar-lhe todas as fases para, delas, deduzir as leis que a regem. Se for um erro, uma ilusão, o tempo lhe fará justiça; se for a verdade, a verdade é como o vapor: quanto mais se comprime, maior é a sua força de expansão.

Revista Espírita, janeiro de 1858

MATÉRIA DE CAPA

Desobsessão sem magnetismo,
será possível?

Ana Vargas

Caros amigos, este é um “diálogo” de muitas perguntas e algumas sérias respostas, que necessitam profunda reflexão, pois falam diretamente à prática espírita e em uma área da qual somos, ou deveríamos ser, os melhores, senão os únicos habilitados a prestar auxílio. Exagero? São palavras textuais de Kardec em seus estudos sobre magnetismo e obsessão publicados na Revista Espírita, em seis artigos, sob o título de Estudo sobre os Possessos de Morzine.

Neste estudo, Allan Kardec analisa o episódio de Morzine, um pequeno e distante povoado francês, onde ocorreu entre março de 1857 a 1861, o que ele denominou um caso de obsessão coletiva, epidêmica.

Os sintomas da epidemia eram que durante as crises os doentes, por exemplo, falavam a língua francesa e outros idiomas com correção, coisa que não faziam em estado “normal”; perdiam a vergonha e a afetividade pela família; davam respostas grosseiras, ímpias e insolentes; previam o futuro, revelavam o passado, manifestavam visão à distância; passadas as crises de nada se lembravam.

O médico responsável diagnosticou uma afecção nervosa causada pela fragilidade física dos pacientes desnutridos e que habitavam lugares insalubres, e mais, que a causa imediata devia-se ao estado histérico, pois a maioria dos pacientes pertencia ao sexo feminino e admitia, ainda, a existência de uma possessão demoníaca. Infrutíferos rituais de exorcismo foram realizados. A terapêutica, então, foi remeter os “enfermos” para diversos hospícios, evitando deixá-los juntos, sequer próximos, em um mesmo estabelecimento.

O diagnóstico, bem como as causas da estranha ocorrência é refutado por Kardec, pois nem os habitantes eram desnutridos, tampouco moravam em lugares insalubres, ao contrário, consta que tinham vida saudável; igualmente, não eram causas materiais a razão das estranhas ocorrências no povoado.

Opinando que o mal se devia a ação espiritual de cunho obsessivo afirmou que a cura deveria empregar meios muito diferentes.

“(…) um tempo virá, menos distante do que se pensa, em que a ação do mundo invisível sendo geralmente reconhecida, a influência dos maus Espíritos será alinhada entre as causas patológicas, será levado em conta o papel importante que o



perispírito desempenha na fisiologia, e um novo caminho de cura será aberto para uma multidão de doenças reputadas incuráveis.” (RE mai/1863)

Do longo e completíssimo estudo apresentado acerca do perispírito nos textos que comentamos é de ressaltar-se o seguinte: “Pela natureza fluídica e expansão do perispírito, o Espírito alcança o indivíduo sobre o qual quer agir, o cerca, o envolve, **o penetra e o magnetiza**”. (grifei) (RE jan/1863)

Bem, vejamos com atenção! Isto quer dizer que os Espíritos desencarnados empregam no processo obsessivo meios magnéticos através dos quais dominam o obsediado. Kardec revela a força por eles empregada, porém que é pouco comentada nos estudos sobre obsessão/desobsessão.

Linhas adiante em seus estudos, o Codificador nos explica didaticamente como se processa o fenômeno. Merece ressalva que suas explicações não têm nenhum caráter de terrorismo mental, muito menos tratam do tema como uma luta entre as trevas e a luz, o bem e o mal. Longe desse pensamento maniqueísta, Kardec apresenta os fatos despidos de qualquer conotação de maravilhoso ou sobrenatural, ao contrário, são fenômenos típicos da natureza e da condição humana que ainda vivenciamos tão marcada por relações pessoais autoritárias, imperialistas para usar a sua terminologia. Diz ele, falando a pura razão, com a lógica e clareza de raciocínio que o caracteriza:

“Um espírito que quer agir sobre um indivíduo, aproxima-se dele e o envolve, por assim dizer, de seu perispírito, como de um casaco; os fluidos se penetrando, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem, e o Espírito pode, então, se servir

“...é urgentíssimo que se fale também a respeito da extrema necessidade de restituir ao estudo do magnetismo seu lugar de direito junto aos espíritas, sob pena de não mais se produzir o elemento imprescindível à cura dessa epidemia — o magnetizador espírita.”

desse corpo como do seu próprio, fazê-lo agir segundo a sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc; tais são os médiuns.” (RE dez/1862)

“Se o espírito é bom, sua ação é branda, benfazeja, não leva a fazer senão boas coisas; se ele é mau leva a fazer coisas más; se é perverso e mau, o aperta numa rede, paralisa até sua vontade, mesmo seu julgamento, que ele abafa sob seu fluido, como se abafa o fogo sob uma camada de ar; fá-lo pensar, falar, agir por si, leva-o, apesar dele, a atos extravagantes ou ridículos, em uma palavra, magnetiza-o, cataleptiza-o moralmente; e o indivíduo se torna um instrumento cego de suas vontades.” (RE dez/1862)

É cristalina a afirmação de que mentores espirituais e obsessores empregam os mesmos meios de ação nas suas interações com o mundo material, a diferença está na moral daquele que emprega a ferramenta — o magnetismo — e conseqüentemente os resultados produzidos.

Cataleptizar moralmente, o que será? A catalepsia é um dos fenômenos de efeito físico produzido pelo magnetismo, no qual ocorre a paralisação geral ou parcial seguida de insensibilidade dos órgãos afetados. Deduzo que catalepsia moral seja o mesmo efeito de paralisação e insensibilidade, porém produzido sobre a mente, a alma, a vontade, produzida pela ação magnética do obsessor sobre o obsediado.

Este processo originará os diversos graus de intensidade com que se manifesta o fenômeno obsessivo: simples, fascinação ou subjugação.

Descrevendo a ação terapêutica a ser empregada nestes casos, Allan Kardec nos faz compreender que alguém “penetrado pelo fluido perispiritual de um mau Espírito; para que o bom possa agir sobre o médium é preciso que penetre esse envoltório, e sabe-se que a luz penetra dificilmente um espesso nevoeiro. Segundo o grau de obsessão, esse nevoeiro será permanente, tenaz ou intermitente e, conseqüentemente, mais ou menos fácil de dissipar.”

Por esta colocação, parece óbvio que um terceiro haverá de interferir e desvestir o “casaco” posto no obsediado. Será ele que terá por tarefa dissipar, dispersar o nevoeiro? Quem será essa criatura? Um médico, como foi o enviado a Morzine no século XIX? Um psicólogo? Um terapeuta reikiano? Um magnetizador qualquer? Um mentor espiritual? Quem sabe o anjo da guarda?

Não, respondeu o espírito Erasto em reunião mediúnica na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris a Allan Kardec e afirmou que “são os magnetizadores, espiritualistas ou espíritas que seria preciso enviar para dissipar a legião dos maus Espíritos, perdidos em vosso planeta”. (RE mai/1862, Epidemia demoníaca em Savoie)

Qual seria a ação do magnetizador espírita em tais processos?

“(...) o magnetizador deve ter o duplo objetivo de opor uma força moral a uma força moral, e de produzir sobre o sujeito uma espécie de reação química, para nos servir de uma comparação material, expulsando um fluido por um outro fluido. Daí, não só opera um desligamento salutar, mas dá força aos órgãos enfraquecidos por uma longa e, frequentemente, vigorosa opressão.” (RE dez/1862)

Em outro trecho Kardec é ainda mais incisivo que o Espírito Erasto, dizendo: “(...) é de toda necessidade um magnetizador espírita, agindo com conhecimento de causa, com a intenção de produzir não o sonambulismo ou uma cura orgânica, mas os efeitos que acabamos de descrever”.

É comum em palestras espíritas, inclusive as de grande público — me refiro àquelas para mais de 1000 pessoas — ouvirem oradores falarem de epidemias obsessivas nos dias atuais, considerando-se essa informação como verdadeira. É urgentíssimo que se fale também a respeito da extrema necessidade de restituir ao estudo do magnetismo seu lugar de direito junto aos espíritas, sob pena de não mais se produzir o elemento imprescindível à cura dessa epidemia — o magnetizador espírita.

Sendo assim, não tenho outra forma de encerrar essa reflexão senão compartilhando questionamentos. É possível mensurar as conseqüências do alijamento do conhecimento da ciência do magnetismo no meio espírita? Será, supondo que exista, uma ação magnética consciente, nas reuniões de desobsessão, operar-se junto ao obsediado promovendo a transformação apontada por Kardec, apenas com o emprego de imposição de mão por miseráveis segundos? Isso não é crer no maravilhoso e no sobrenatural?

Realmente não há como encerrar, prossiga daqui amigo e considere este ponto, uma vírgula. □



MAGNETISMO CLÁSSICO

Mais uma tradução da nossa irmã Lizarbe de texto extraído do *Jornal do Magnetismo*, págs 162 a 168 de 1858, dirigido pelo grande magnetizador e amigo de Kardec, Barão du Potet. O artigo dá uma pequena mostra das muitas críticas que o codificador teve que suportar para que a Humanidade pudesse ter os conhecimentos espíritas à sua disposição.

O espiritualismo faz grandes progressos já há alguns anos, sobretudo na América; os prodígios os quais se atribui tem excitado vivamente a curiosidade pública, os grandes feitos do famoso médium Home tem tido tanta repercussão que era de se esperar o surgimento de um órgão especialmente consagrado ao sobrenatural. O Sr. Allan Kardec, diretor da Revista Espírita, é autor de obra notável intitulada "*Livro dos Espíritos*", tem a modéstia de tomar apenas o título de secretário dos Espíritos os quais ditaram aos médiuns; ele declara que teve somente a tarefa de colocar em ordem os materiais obtidos. Nós vemos com prazer esta nova tribuna aberta à discussão de questões tão controversas e cuja solução interessa grandemente à humanidade. O debate é bem animado, a luta, das mais ardentes. É bom que cada lado tenha seus campeões e faça valer todos os seus talentos. A ciência não pode ficar indiferente quanto a esses fatos bizarros, maravilhosos, cujas narrações nos chegam diariamente. É preciso um exame aprofundado para apreciá-los.

Os dois números publicados contêm dissertações interessantes, algumas narrações de fenômenos espiritualistas e trechos apresentados como obra de espíritos ditadas aos médiuns. Os autores parecem animados por uma convicção perfeita e por um zelo ardente de proselitismo; seria desejável que eles trouxessem uma crítica severa na admissão de fatos tão mais difíceis de fazer aceitar por se tratar de coisas maravilhosas.

A revista discute com certo azedume a história do famoso desafio cujo resultado causou algum enfado no campo espiritualista.

Uma oferta de 500 dólares (2500 francos) foi feita pelo intermediário do Correio de Boston a toda pessoa que, na presença de certo número de professores da Universidade de Cambridge, reproduzisse alguns desses fenômenos misteriosos que os espiritualistas dizem ter sido produzidos comumente pelos intermediários desses agentes, chamados médiuns.

O desafio foi aceito pelo doutor Gardner e por várias pessoas que se gabaram de estar em comunicação com os espíritos. Os concorrentes se reuniram nos edifícios de Albion, em Boston; entre eles destacamos as senhoritas Fox, que se tornaram tão célebres neste gênero. A comissão encarregada de examinar as pretensões dos aspirantes ao prêmio se compunha

dos professores Pierce, Agassiz, Gould e Horzford, todos os quatro sábios distintos. As tentativas espiritualistas duraram vários dias; eles foram infrutíferos, assim como constatou o seguinte trecho do relatório da comissão: "A comissão declara que o Sr. Gardner não conseguiu lhe apresentar um agente ou médium que revelasse a palavra confiada aos espíritos num quarto vizinho; que lesse a palavra inglesa escrita no interior de um livro sobre uma folha de papel dobrado, que respondesse a uma questão que só as inteligências superiores podem saber; que fizesse ressoar um piano sem tocá-lo ou avançar uma mesa de um pé sem impulsão das mãos; se mostrando incapaz de dar à comissão testemunho de um fenômeno que se pudesse, mesmo usando de uma interpretação larga e benevolente, ver como equivalente às provas propostas, de um fenômeno que exigisse para a sua produção a intervenção de um espírito, supondo ou implicando ao menos esta intervenção; de um fenômeno desconhecido até aqui pela ciência ou cuja causa não fosse imediatamente assinável pela comissão, palpável por ela, ninguém pode exigir do Correio de Boston a entrega da soma proposta de 500 dólares".

O Sr. Kardec, longe de ser abalado por este revés, alega que os fenômenos do espiritualismo não são daqueles que se possa reproduzir à vontade, que os espíritos é que são seus autores agindo quando melhor lhes pareça e não às nossas ordens, que eles escolhem seus gêneros de manifestações, que as desconfiças lhes irritam, que eles têm antipatias por certas pessoas, sobretudo, pelos incrédulos e que o incentivo de um prêmio pecuniário, longe de facilitar as comunicações, devia, antes, prejudicá-las.

Todos estes argumentos têm um vício capital que é supor resolvido o que ainda está em questão, ou seja, a partir da realidade dos fatos é que se trataria de verificar, e em seguida, a produção destes fatos pelos espíritos. Enquanto estes dois pontos não forem provados será se perder no vazio, dissertar a perder de vista sobre o costume e o caráter de espíritos cuja própria existência é problemática. Vocês nos alegam fatos prodigiosos, vocês pretendem que nada seja mais comum, que eles se apresentem diariamente em suas reuniões e vocês admoestam rudemente a incredulidade daqueles que recusam admitir e, quando nós lhes pedimos para ver, tudo desaparece; resta apenas sua asserção, que não é suficiente para nós; é apenas nos mostrando testemunhos destes feitos que vocês poderão nos convencer.

Os espiritualistas se contradizem quando afirmam que seus fenômenos não são de natureza a se reproduzir sob seu comando, pois eles colocam na classe das manifestações espirituais os fenômenos dos médiuns escreventes; ora, é notório que cada um desses médiuns pode, a seu grado, pôr em ação a faculdade da qual é dotado e tem somente que pegar uma pena com a intenção de médium para que sua mão se ponha logo a escrever os ditados reputados espiritualistas. Se os espíritos que conduzem a mão

dos médiuns estão assim, à disposição deles, por que não estariam os espíritos que movem as mesas, tocam acordeon, mostram as mãos, etc. ?

Que os espíritos escolham seus gêneros de comunicação, que seja; mas por pouco sensatos que sejam, eles devem escolher manifestações inequívocas, capazes de trazer a convicção a todos os expectadores. E quando se responde, em nome destes espíritos, que eles não querem se submeter às provas, é um reconhecimento de impotência ou o abandono da missão e eles atribuída, de esclarecer a humanidade.

Espíritos elevados, como se supõe, não podem se ofender com suspeitas perfeitamente legítimas da parte de pessoas que não tem motivo algum para crer em semelhantes intervenções e às quais a prudência cumpre o dever de estar em guarda contra as fraudes e ao arrastamento cego.

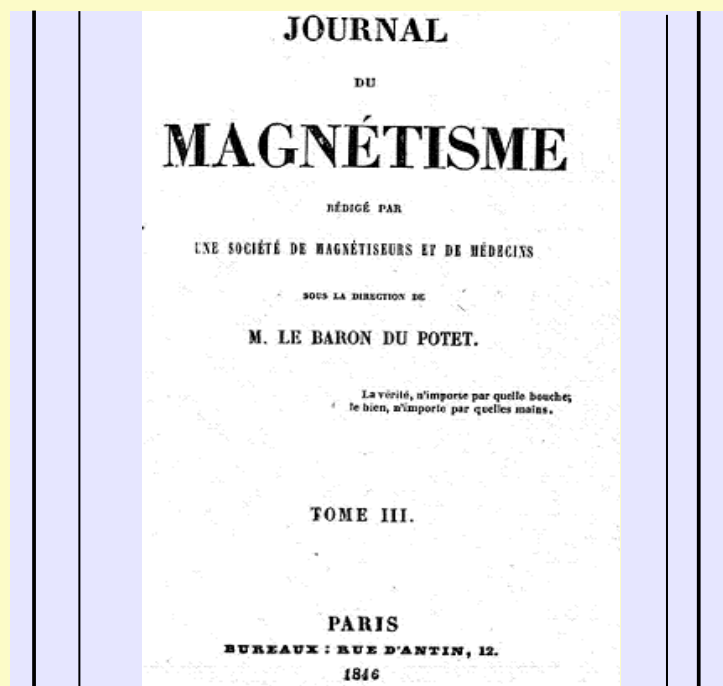
Quanto à pretendida antipatia dos espíritos contra os incrédulos, é impossível de ver, nesta alegação outra coisa que uma maneira cômoda de evitar o olhar vigilante de observadores atentos. Um espiritualista que mora no quarto andar me assegurou que bastava eu por os pés no primeiro degrau da escada para fazer cessar, na casa dele, todas as manifestações. Se for assim, eu sou o senhor dos espíritos, pois minha presença lhes tira subitamente da inércia e eu sou o maior dos exorcistas. É lamentável que não tenha sido encontrado um homem como eu para trazer à razão todos os diabos de Loudun; ter-se-ia evitado de recorrer aos pobres jesuítas que suaram sangue durante mais de dois anos e terminaram eles mesmos possuídos pelos diabos que queriam caçar.

Quanto à questão pecuniária, certamente o desapego é uma bela virtude e desejamos, como o Sr. Kardec, encontrá-la entre todos os médiuns. Mas aqueles, em se apresentando ao concurso, podiam ter em vista apenas o triunfo da verdade e nada os teria impedido, em caso de sucesso, de empregar nem os médiuns, nem os espíritos; uns e outros deviam, ao contrário, sair vitoriosos de uma prova que tinha como juízes excelentes observadores e que teria sido decisiva. Além disso, uma multidão de médiuns, tanto na América como na França e, notadamente as senhoritas Fox, fazem pagar por suas sessões e não lhes reprovamos visto que o padre, ele mesmo, deve viver do altar. Bem, a remuneração que recebem estes médiuns não lhes retira suas faculdades as quais entram em ação a seu comando, cada vez que um cliente se apresenta.

Vê-se que as razões dadas pelo Sr. Kardec não valem grande coisa. Ele teria sido mais sábio se dissesse que um fato negativo nada prova, que ele é isolado, que a questão permanece e que aqueles que buscam sinceramente a verdade devem estudar com perseverança e multiplicar as tentativas para conseguir arrancar da natureza seus segredos.

O Sr. Kardec expõe a hierarquia dos espíritos, suas funções, seu caráter, etc. e procede à maneira dos reveladores, sem discutir, como se estivesse persuadido de que todos devem se inclinar com respeito diante de sua palavra. Temos o direito de lhe perguntar de onde ele tirou essas afirmações. Só pode ser das "jóias" que são seus oráculos. Sem examinar

qual é o valor destas comunicações, nos contentaremos em lhes objetar a enorme divergência que se encontra nos resultados assim obtidos. Os médiuns nos dão sistemas contraditórios que não podem ser todos verdadeiros. Para discernir a verdade, nos dizem eles, é preciso escutar somente os bons espíritos; mas por qual sinal podemos reconhecê-los? Eles nos respondem que é pela natureza de seus ditados. Este procedimento serve apenas para eliminar os ditados evidentemente grosseiros, imorais, ineptos. Porém, entre os outros, nos quais se encontra uma moral pura, uma linguagem nobre, nobres sentimentos, há desacordo sobre a doutrina. Escolher caprichosamente o sistema que mais nos apraz não é agir filosoficamente, visto que este sistema não desfruta de nenhum caráter de superioridade que estabeleça entre ele e os outros, uma diferença nítida. Então se está reduzido a adotar somente o que confirma a razão e a relegar todo o resto para o domínio das hipóteses. Lamentamos que o Sr. Kardec não tenha procedido com esta sábia reserva, que tenha acolhido precipitadamente sistemas sem justificada exatidão e que, em lugar de trabalhar, como ele poderia, pelo progresso da ciência, ele tende (talvez sem saber) a fundar uma seita de iluminados, uma pequena igreja, na qual as "jóias" substituiriam a sagrada trindade.



Eles nos dão ditados de São Luís*. Nós já tivemos ocasião de assinalar a quais riscos de erros se expõe quem aceita assim as declarações dos médiuns sobre a origem de suas comunicações. Mesmo se admitindo a intervenção dos espíritos, a identidade deles não pode ser constatada e os mais eminentes espiritualistas confessaram ter sido enganados por espíritos que se atribuíam, falsamente, o nome de grandes personagens. Nenhum critério conhecido pode servir para controlar estas declarações. Neste caso particular, o ditado consiste em banalidades sobre a avareza; certamente não há nada, nem no fundo e nem na forma, que denote a personalidade do bom rei, nada que ultrapasse o portal intelectual do médium; o Sr. Kardec não se culpa por rejeitar

arbitrariamente nos ditados espiritualistas, tudo o que não concordar com as idéias dele. Assim, o espírito de São Luís, tendo ensinado a eternidade das penas do inferno, o Sr. Kardec, que não admite este dogma, isentou-se de nos dizer que este espírito tem cientemente afirmado uma falsidade, mas que seus ditados são destinados aos espíritos de terceira classe (precisamente terceira, nem mais nem menos) a fim de aumentar seus sofrimentos fazendo-os acreditar que não terão fim. Esta explicação está longe de ser satisfatória, pois este ditado é feito não pelos espíritos incorpóreos de uma ordem qualquer, mas pelos homens terrestres e tem o grave inconveniente de lhes inculcar o que se reconhece como um erro. Este fato vem apoiar nossas observações sobre a impossibilidade de reconhecer alguma autoridade a semelhantes produções que se contradizem e sobre a necessidade

de tudo submeter ao julgamento da razão. Além disso, se um espírito, por um motivo qualquer, se permite alterar a verdade, ele perde toda a confiança e não pode ser acreditado mesmo na qualidade a qual se atribui. Como então admitir a identidade do pretense São Luís?

Nós não prolongaremos mais estas observações críticas. Saudamos a aparição de uma coletânea consagrada ao espiritualismo; ela tem um campo imenso a explorar e pode prestar importantes serviços. Mas nós lhes aconselhamos a tomar sempre a razão como guia, a não descartar a via experimental e a resistir ao impulso que leva os adeptos para um iluminismo perigoso e a não prestar seu concurso para restabelecer a semente do fanatismo e das velhas superstições.

A. S. MORIN

JACOB MELO *responde*

Qual a diferença entre o trabalho dos magnetizadores e os passes que comumente se tem aplicado nos Centros Espíritas, fazendo com que os resultados obtidos pelos primeiros sejam tão superiores?

Esta questão nos arremete aos aspectos vinculados ao estudo, à investigação, à pesquisa e ao lado científico, propriamente dito, do Espiritismo.

É de se lamentar que praticamente todas as instituições espíritas do Brasil – e por que não dizer do exterior também – tenham, em suas práticas regulares, a aplicação do passe. Só que um passe distante daquele ensejado pelo codificador, Allan Kardec.

Em meu livro “Reavaliando Verdades Distorcidas” procuro deixar bastante evidente o quanto Allan Kardec nos encaminhou na direção da ligação mais direta, estreita e profunda com o Magnetismo e que, apesar disso, estamos nos distanciando de forma absurda e até mesmo perigosa.

Temos tratado – e realizado – o passe, via de regra, mais como um ritual, uma crença ou mesmo como um sincretismo do que como um dos mais preciosos pontos de apoio do próprio Espiritismo. O quase total descaso com que o Magnetismo vem sendo observado, acompanhado e estudado no nosso meio só poderia produzir isso mesmo: desvios e pouca eficiência. Uma das justificativas para isso é que até hoje estejamos privados de obras como as do barão Du Potet, do eminente Puységur, do valoroso e inigualável Deleuze, simplesmente porque nunca houve interesse em traduzi-las para o português, mesmo se sabendo que esse assunto interessa não apenas aos espíritas, mas a todo estudioso do psiquismo humano e de qualquer terapia chamada “não convencional”. E se hoje dispomos da tradução de livros de Mesmer isto devemos ao labor quase isolado de um pesquisador notável, que é o Paulo Henrique de Figueiredo.



Mas voltemos ao cerne da pergunta. Por que não se vê tanta eficiência nos passes convencionais em relação aos passes aplicados com riqueza de técnicas de magnetismo? Simplesmente porque o passe não é milagre nem ocorrência fortuita, onde o passista é apenas um singelo elemento dentro do processo; o passista é um precioso elemento nessa ocorrência, mas para que isso se dê de fato é imperioso que o passista estude, conheça, compare, pesquise, avalie, busque feed-back e não acredite que “apenas os Espíritos” fazem a cura, pois ela passa, necessariamente, pelo magnetizador. A atual e feliz onda de ressurgimento da aplicação mais responsável e respeitável do magnetismo vem provando isso para todo aquele que queira ver e saber.

É isso.